

# HISTÓRIA DE ALEXANDER LOWEN

PARTE I



**POR GEFERSON EUSÉBIO - JORNALISTA E CBT EM ANÁLISE BIOENERGÉTICA**

---

Eu gostaria de começar essa exposição, centrado em alguns conceitos que podem criar um horizonte simbólico entre conhecimentos e vivências diferentes e, ao mesmo tempo, que tenham uma possibilidade de se complementarem como missão final de que é a seguinte: retirar a Análise Bioenergética de um pressuposto eurocêntrico ou algo que chamo de um norte-americano centrismo, do qual estamos tão acostumados a olhar por meio de estudos mais tradicionais da clínica do corpo.

Mas não quero fazer isso a partir de um projeto de destruição epistêmica, ao modo das culturas que se dizem mais prósperas no chamado Ocidente, especialmente ao norte, mas de enxergar por dentro as contradições que formam também o percurso da análise bioenergética e utilizar da própria psicanálise, que é o que apoia a bioenergética, para começarmos uma jornada de possibilidade de mudança e que depois, um pouco mais à frente, vamos poder incluir outros saberes.

Quero começar por um conceito que foi descrito quase que inicialmente pelo filósofo alemão Immanuel Kant, no século XVIII, embora tenha outros autores antes dele que o abordem, que é o conceito de Weltanschauung, ou cosmovisão/visão de mundo. Esta estaria primeiro focada na questão de quando Kant a situa na relação entre o mundo e o sujeito, no momento mesmo em que ocorre a apreensão do mundo através da experiência sensível.

Em Freud, esse conceito de visão de mundo tem um texto seminal, intitulado A QUESTÃO DE UMA WELTANSCHAUUNG, nas “Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos” (1932-1936). Inicialmente, Freud abriga a visão científica como premissa ou um guia, mas na sequência refuta o fato de que a ciência em si, acaba por não abarcar demais conhecimentos ou visões que ela ainda não alcançou ou pode compreender.

Sobre essa questão de um suposto domínio da ciência perante outros saberes, Freud aponta:

Do ponto de vista da ciência, não se pode evitar exercer, aqui, a faculdade de crítica e apresentar objeções e rejeições. Não é lícito declarar que a ciência é um campo da atividade mental humana, e que a religião e a filosofia são outros campos, de valor pelo menos igual, e que a ciência não tem por que interferir nelas: que todas elas têm iguais pretensões de serem verdadeiras e que toda pessoa tem a liberdade de escolher de qual delas irá derivar suas convicções e em qual delas depositará sua crença. Uma opinião como esta é vista como especialmente superior, tolerante, emancipada e livre de preconceitos incultos. Infelizmente, não é sustentável e compartilha de todos os aspectos perniciosos de uma Weltanschauung não-científica, e a esta equivale, na prática. É que a verdade simplesmente não pode ser tolerante, não admite conciliações ou limitações, e o fato é que a pesquisa considera como propriedade sua todas as esferas da atividade humana, e deve exercer uma crítica incessante se algum outro poder tenta arrebatá-lhe alguma parte.

(Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos - 1932-1936. p. 116)

Finalizando essa parte, acerca da questão da cosmovisão e ousando articular Freud com nosso Antonio Bispo dos Santos ou Nego Bispo, que retrata uma verdadeira cosmofobia do sujeito eurocentrado, o texto de Freud lega à religião e à filosofia, antes da ciência, saberes que realizam o manejo das angústias humanas quase que completas, abarcando as dores de que temos ao não termos explicações de onde viemos e nem para onde vamos.

Portanto, dentro da Análise Bioenergética, implementar uma ampliação da visão para além do que é relatado pelo próprio Alexander Lowen em suas obras e, mais precisamente, na sua autobiografia, se faz necessário para poder fazer um apontamento tão caro à psicanálise: o não dito.

Quem se ater ao que escreveu Lowen sobre sua história de infância, e que tiver uma vontade de empregar mais elementos do não dito, vai poder formar um corpo mais amplo sobre a Análise Bioenergética. Para tanto, dois outros conceitos aqui, sendo um formulado por um pensador estabelecido ao norte e outro estabelecido ao Sul Global, podem nos ajudar a construir um pouco mais e caminhar melhor nessa construção.

O primeiro deles é Walter Benjamin, que com seu “Materialismo Histórico”, nos convida a “escovar a história à contra pelo” (p.13), em um termo bastante poético e imagético de uma de suas obras, intitulada “O anjo da história” (2012). Dentro de uma perspectiva de “quebrar a tradição”, a missão do materialismo histórico, que quer com o objetivismo do real que ocorre na história feita pelos humanos, que ela, a história, seja vista também pela perspectiva dos derrotados.

Junto a isso, já numa perspectiva de nosso Sul Global, trago aqui trecho tirado do livro de Bruno Simões Gonçalves, “Nos caminhos da dupla consciência”, para nos falar de Carlos Fuentes, escritor mexicano que immortalizou a imagem do espelho enterrado em um livro...

...onde conta a formação do mundo hispano-americano e sua relação com a Espanha. O escritor lembra a história de um povo originário que enterrava espelhos para servirem de guias para seus mortos no caminho dos inframundos - reinos sutis e tortuosos. Ele defende que há todo um universo da cultura latino-americana que está submerso, invisibilizado, como um espelho da nossa imaginação e da sociedade que foi enterrado, levado ao mundo invisível dos mortos, porém mortos que ainda habitam entre nós, e em nós. (p.41)

É nessa missão de resgate dos derrotados e de desenterro dos espelhos que desejo trazer essa primeira parte da história de Lowen, renegada, talvez, por ele próprio, até pela dor insuportável na criança do pequeno Alexander acerca de seus pais, tão diferentes e mal amados entre si e que faziam nele um despejo de seus ressentimentos, cada um à sua forma, hora por queixa, hora por negligência.

Começamos então entendendo a origem russa da família Lowen, que desembarca em Nova Iorque vindo muito provavelmente de uma Rússia em plena degradação de um regime secular. Para além da origem fora de uma Europa Central e fora de uma potência que eram já os Estados Unidos da época, vale a gente incluir a diáspora judaica da família Lowen. Seu pai, um comerciante nato, como grande parte dos judeus russos.

Sem esquecer os antecedentes da Rússia, que por volta do século XIX era o principal território a ocupar uma população judaica, o que chegou a 80% dos judeus da diáspora.

O território Russo, ao contrário de grande parte da Europa, chegou a manter até territórios fixos exclusivos para povos da diáspora judaica, já a partir do século X. Com a expansão russa e o crescimento do território do Império Czarista no início do século XIX, vale lembrar que parte da Europa, ao leste, o que hoje é conhecido como a Polônia e outros países eslavos, estavam sob território do Império Russo e, conseqüentemente, abrigavam grandes populações judaicas. Essa última população é quem migrou, na virada do século XIX para XX para os Estados Unidos.

Antes de falarmos dessa migração, vale trazer um contexto encontrado nos romances de Dostoiévski e Lev Tolstói, acerca da degradação social, cultural e de relações - muito focado na questão das relações conjugais e das famílias. Por ser um país ainda imerso num controle feudal, em pleno século XIX, a degradação da família, como retratado nos romances de Tolstói e as relações sociais de dominação e propriedade, trazidos por Dostoiévski, dão uma ideia de como a visão de mundo de judeus-russos da diáspora estava impregnada de uma certa melancolia e descrença da instituição familiar.

Em contrapartida, a chamada “América” exalava esperança e ambição - sendo a terra das oportunidades, principalmente a partir de Nova Iorque, onde chegam o pai e a mãe de Alexander Lowen. Em dois pontos e aos seus próprios modos, assimilaram a América com certo alívio de um lado e como oportunidade do outro.

Como Lowen descreve seu pai como alguém cordial e com pouca ambição, sente-se o alívio de estar em terras que apresentam oportunidades de não se pensar tão fixamente na subsistência e, de certa forma, viver como alguém um pouco menos sisudo. Já o efeito da oportunidade de vida gera na senhora Lowen o impulso de vencer na vida e de projetar no marido toda sua insatisfação.

Podemos perceber, a partir destes pequenos relatos de Lowen acerca de seus pais, como se deram os primeiros anos de vida da formação de uma família que repetia certa degradação vivida pela instituição familiar, misturado à necessidade de ser um motor para conduzir seus membros ao sucesso - etapa que podemos ver em escritos ainda do século XIX, como de Friedrich Engels, “A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”.

## **A fora tudo isso**

A importância desses resgates, não apenas do ponto de vista de uma biografia bem-sucedida e montada na tradição, usando palavras de Benjamin, como todos nós estamos acostumados, numa desgastada formulação de uma chamada “jornada do herói”, observar pelo materialismo histórico a história dos primeiros anos e até a história dos antecedentes de alguém que nos legou uma ferramenta tão importante para o autoconhecimento e para alívio do

sofrimento como a Análise Bioenergética, nos permite tentar completar alguns pontos que nos é sempre negado, mas que nos retornam como se fora sintoma, num apontamento de que as terapias ditas corporais repousam num campo burguês por excelência, sendo ela restrita a um punhado de privilegiados e nos dá um trabalho em ter que sempre recorrer a Reich, como um ponto a fazer contato com o social.

Isso nos faz esquecer da implicação de uma formulação mais abrangente do social, que nos foi passado, especialmente de tempos recentes para cá, como algo apenas de um mundo assistencialista ou focado em certo regime de normas de ajuda ao sofrimento de necessitados.

Fazer esse primeiro resgate, de um Lowen humano o suficiente, com uma história sem grandes triunfos ou idealizações, mas humano em sua essência, nos permite observar um dito de Elisabeth Roudinesco, psicanalista e escritora francesa, acerca do próprio Freud, que nos permitiu “ser heróis de nossas próprias vidas”, a partir do resgate do humano a partir das nossas análises.

Acredito que um humano apenas pode se abrigar na relação, quando do outro lado há um outro humano. Em tempos de tantos chamados “avanços” e “desenvolvimentos”, a possibilidade de ter o corpo e a linguagem podendo passar por processos de inclusão de outras cosmovisões, permitindo a neuro divergência, os gêneros diversos, as racializações do branco (e não apenas dos demais homens), a inclusão dos pronomes neutros nos vocabulários e tudo o mais que nos faça aumentar essas cosmovisões, é apenas início da jornada.

Vamos poder contar e incluir cada vez mais olhares, uma vez que a história, como dito também por Benjamin e pelo brasileiro Nilton Ota, que estuda o neoliberalismo, segue em disputa. E ela precisa ser disputada a partir da inclusão das cosmovisões, do que não foi dito, como bem nos aponta a psicanálise e pela busca de novas epistemes, que desta vez possam avançar com a linguagem e o corpo de todos.

Estou apenas num início de pesquisa sobre Lowen, suas técnicas, seus encontros fortuitos com Reich, Pierrakos e tantos outros. Além de suas importantes contribuições acerca dos sujeitos de seu tempo, atravessados por formações de caráter que ele bem viu como resposta de incidências sociais como os esquizóides e narcisistas, por exemplo. Vamos seguir com esse resgate, mas a partir de uma premissa acerca de sua contemporaneidade e de como materialmente ele a viveu, mesmo que involuntariamente, é essa a missão que temos. Escovar a história a contrapelo, para podermos dar a dimensão real de homens como homens e não como deuses e já isso é de uma grande valia para honrarmos todas as vidas que estejam neste mundo.

Estamos começando a reescrever, ou melhor, estamos começando a contar a história toda!

### Referências:

- Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros estudos (1932-1936) - “A questão de uma Weltanschauung” - Sigmund Freud
- A terra dá, a terra quer - Antonio Bispo dos Santos
- anjo da história - Walter Benjamin
- Uma vida para o Corpo - Alexander Lowen
- Nos caminhos da Dupla Consciência - Bruno Simões Gonçalves
- A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado - Friedrich Engels
- Uma breve história dos judeus na Rússia - Russia Beyond BR (rbth.com)
- Onde mais os russos vivem, além da Rússia? <https://br.rbth.com/estilo-de-vida/85824-onde-mais-os-russos-vivem>
- Hoje na História: 1664 - Nova York é batizada por ingleses após Guerra Anglo-Holandesa <https://operamundi.uol.com.br/hoje-na-historia/podcast-hh-1664-nova-york-e-batizada-por-ingleses-apos-guerra-anglo-holandesa/>
- Como era a vida em Nova York no início do século 20? <https://pt.quora.com/Como-era-a-vida-em-Nova-York-no-in%C3%ADcio-do-s%C3%A9culo-20-1>